

A DOCTRINA DA TRINDADE: DA ORTODOXIA À ORTOPRAXIA

Eurípedes Pereira de Brito¹
Eduardo Tolentino Caldeira²

RESUMO

A doutrina da Trindade foi, juntamente com aspectos da cristologia, a primeira doutrina sistematizada pela igreja, sendo, portanto, de grande importância para o cristão. Serviu inclusive para separar o ortodoxo do herege. Não obstante ser norteadora da fé é na relação trinitária que a cristandade pode contemplar a expressão do Ser de Deus e obter o exemplo supremo para todo conjunto de relacionamentos humanos, isto é, conjugal, familiar e congregacional. A Doutrina da Trindade não é somente basilar para a ortodoxia, mas se constitui num fator essencial à ortopraxia, dessa maneira, é extremamente necessário para o crente conhecer Deus em sua trindade e desfrutar da companhia graciosa do Pai, do Filho e do Espírito Santo de Deus.

Palavras-chave: Doutrina da Trindade. Teologia. Ortodoxia. Ortopraxia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo mostrar a importância que a ortodoxia tem para a ortopraxia. Na verdade, para o teólogo cristão, a ortodoxia (crença correta) tem que levar indiscutivelmente à ortopraxia (prática correta). "A boa teologia desloca-se da cabeça até o coração e, finalmente, até a mão." (STANLEY; OLSON *apud* COSTA, 2015, p. 71).

¹ Teólogo, mestre (Faculdade Batista de Brasília) e doutor em Teologia (EST/São Leopoldo). Professor de Teologia no Seminário Presbiteriano Brasil Central (SPBC) e na Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB/GO). E-mail: prof.euripedes@fasseb.com.br.

² Graduado em Teologia pela Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB) e pós-graduando em Teologia Sistemática pela Faculdade Assembleiana do Brasil – FASSEB. E-mail: eduardotcaldeia@gmail.com.

Para o cristão não adianta simplesmente replicar corretamente todos os fundamentos ortodoxos das doutrinas cristã-teológica, pois, mais do que isso, o estudo doutrinário precisa iluminar o entendimento, aquecer os corações e chegar às mãos (à prática).

O estudo teológico “[...] não termina em conhecimento teórico e abstrato, antes se plenifica no conhecimento prático e existencial de Deus por intermédio da sua Revelação nas Escrituras Sagradas, mediante a iluminação do Espírito”. Ademais “[...] Ela reflete a nossa confissão, nos conduz à reflexão, e tem implicações direta em nossa ética” (COSTA, 2015, p. 71).

Sendo assim, a doutrina escolhida para a presente reflexão foi a Doutrina da Trindade, por estar no centro da fé cristã e ter sido, ao longo da história, o prumo ortodoxo da igreja. O primeiro capítulo remontará aos primeiros séculos da igreja para mostrar que, à luz da história, a Trindade foi, juntamente com aspectos da cristologia, a primeira doutrina a ser sistematizada pela igreja e, por conseguinte, de suma importância.

O segundo capítulo ocupa-se em realizar uma breve definição da doutrina, uma fundamentação escriturística e mostrar alguns perigos à ortodoxia, como o modalismo e o triteísmo. No terceiro capítulo a pesquisa faz ponte entre a ortodoxia e a ortopraxia, visto que, se a Doutrina da Trindade é o prumo ortodoxo da igreja, ela também deve ser, indubitavelmente, para a ortopraxia.

Ao final desse trabalho espera-se não haver dúvidas que crer verdadeiramente no Deus da Bíblia é crer na Trindade, um dogma imprescindível e indispensável para a fé. É na Trindade que o homem pode contemplar os aspectos ontológicos do seu criador e se relacionar com Ele e com o seu próximo de forma significativa.

1 A NECESSIDADE DA SISTEMATIZAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DA DOCTRINA DA TRINDADE

A trindade, bem como aspectos da cristologia, foram as primeiras doutrinas trabalhadas pelos pais da igreja³ com o objetivo de preservar a sã doutrina deixada pelos apóstolos. Desde o final do primeiro século, e com mais propriedade no segundo em diante, a doutrina da trindade já estava em evidência. Evidentemente não em sua plenitude, mas a essência se fazia presente.

Macgrath (2005, p. 373) afirma que “tradicionalmente, situa-se o surgimento da doutrina da Trindade por volta do início do desenvolvimento da teologia cristã [...]” Isso mostra

³ "O nome Pai da Igreja tem sua origem no uso do título Pai, dado aos bispos, especialmente no Ocidente, para exprimir uma carinhosa lealdade. Esse título foi sendo cada vez mais usado a partir do século III para descrever os defensores ortodoxos da Igreja e os expoentes de sua fé (CAIRNS, 2008, p. 60)".

que a história da doutrina trinitária se confunde com o surgimento da teologia cristã. Acima de qualquer formulação doutrinária é notório que, a datar dos primórdios, os cristãos já criam em um Deus trino. Alguns registros do primeiro século confirmam a crença trinitária:

No que diz respeito ao Batismo, batizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo em água corrente. Se não houver água corrente, batizai em outra água; se não puder batizar em água fria, façais com água quente. Na falta de uma ou outra, derramai três vezes água sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Autor desconhecido, ano 90, *Didaquê* 7,1-3). Um Deus, um Cristo, um Espírito de graça” (Clemente de Roma, ano 96, Carta aos Coríntios 46,6). Como Deus vive, assim vive o Senhor e o Espírito Santo” (Clemente de Roma, ano 96, Carta aos Coríntios 58,2) (FERREIRA, 2007, p. 66-67).

A epístola do relevante pai Clemente de Roma, aludida acima, à igreja de Corinto "[...] ocupou um lugar de proeminência entre os escritos dos pais apostólicos por ser o escrito cristão mais antigo depois dos livros do Novo Testamento (CAIRNS, 2008, p. 62)". Embora não inspirada, a epístola possuía grande autoridade entre os cristãos, demonstrando que a crença no Deus trino estava intrínseca no coração da igreja desde o princípio.

1.1 Séculos II e III - A necessidade da sistematização

O segundo século foi desafiador para a igreja. Sectários desafiaram os pais com doutrinas e filosofias que precisavam ser combatidas, sob pena, caso não houvesse enfretamento, de destruírem o proêmio da igreja. Os principais críticos desse período foram os gnósticos e montanistas (OLSON, 2001, p. 29).

O gnosticismo, por exemplo, negava a encarnação de Cristo. A cristologia gnóstica ramificava-se em duas vias: criam que Cristo tinha apenas a aparência humana (uma espécie de aparição fantasmagoria); ou que Cristo havia possuído o homem Jesus no ato batismal deixando-o antes da crucificação (OLSON, 2001, p. 39). Sawyer (2009, p. 162) pontua que o gnosticismo "constituiu o primeiro grande desafio teológico para a jovem Igreja". Cairns (2008, p. 84) resume bem:

Para explicar Cristo, eles adotaram a doutrina conhecida como docetismo. Como a matéria era má, Cristo não podia ter um corpo humano [...]. Como bem espiritual absoluto, Cristo não se misturava com a matéria. Ou o homem Jesus era um fantasma com a aparência de corpo material (docetismo) ou Cristo tomou o corpo humano de Jesus apenas por pouco tempo, entre o batismo do homem Jesus e o começo do seu sofrimento na Cruz. Então Cristo deixou o homem Jesus morrer na Cruz. A tarefa de Cristo era ensinar uma

gnose ou conhecimento especial que ajudaria o homem a se salvar por um processo intelectual.

O montanismo tinha Montano como fundador e profeta. Este herege rejeitava a autoridade especial dos bispos e se auto intitulava porta-voz do Espírito Santo. Não aceitava limitar a inspiração aos escritos apostólicos. O exagero do montanismo estava justamente na concepção contínua da inspiração. Montano postava literalmente como a voz de Deus.

No desenvolvimento de sua doutrina peculiar acerca da inspiração, Montano concebeu-a como imediata e contínua e se colocou a si mesmo como paráclito ou advogado através de quem o Espírito Santo falava à Igreja, do mesmo modo que falara através de Paulo e dos outros apóstolos (CAIRNS, 2008, p 84).

Diante dessas ameaças os cristãos tinham apenas duas alternativas: combater ou sucumbir. Na verdade, à luz da história da teologia, constata-se que nenhuma doutrina do cristianismo surgiu do nada. Cada crença, quer ortodoxa ou não, nasceu de um desafio. Foi nesse cenário que a igreja foi impelida a sistematizar suas doutrinas e, assim, defender a divindade de Cristo, bem como a crença em um só Deus, formatando os princípios doutrinários da trindade.

Cairns (2008, p. 89) ensina que "foi no período entre 100 e 313 que a Igreja se viu forçada a pensar na melhor maneira de enfrentar a perseguição externa do Estado Romano e o problema interno do ensino herético e das consequentes divisões".

Não é exagerado dizer que os hereges contribuíram decisivamente para a formulação das principais doutrinas bíblicas ortodoxas. Foi estudando-os que os pais defenderam a fé elaborando doutrinas, confissões de fé e os credos.

1.1.1 Os principais expoentes em defesa da fé trinitária.

Um dos grandes influenciadores desse período foi Inácio de Antioquia, martirizado entre 110 a 115 a.C. Inácio (discípulo do apóstolo João) foi um dos primeiros a escrever condenando a cristologia do gnosticismo, afirmando enfaticamente a verdadeira divindade e humanidade de Jesus Cristo (OLSON, 2001, p 47-48).

Outro expoente importante foi Justino Mártir classificado como o "apologista mais importante do século II". Esse pai fez uso de pressupostos filosóficos para explicar Cristo como "**Logos** cósmico e de o cristianismo ser a filosofia verdadeira". O Logos foi mostrado como "**Espírito** preexistente de **Deus** - um segundo Deus - que encarnou em Jesus Cristo (OLSON,

2001, p. 60-61, grifo nosso)". Sem dúvida essa explanação mostra como Justino Mártir abriu o processo para a reflexão trinitária.

De Inácio a Justino uma ponte é estabelecida entre a cristologia e a trindade. Ao defender a divindade de Cristo uma pergunta a igreja precisava responder. Como uma religião monoteísta poderia crer em um Deus que tem um Filho que também é Deus? Isso não seria politeísmo? Foi em resposta a questionamentos como esse que a doutrina trinitária foi ganhando seu arcabouço.

O arcabouço ganha parte de sua forma já no século II com Atenágoras de Atenas. Filósofo cristão que estabeleceu uma das primeiras explicações claras sobre a doutrina da trindade. Em sua carta apologética direcionada ao imperador romano Marco Aurélio, afirmou: “Reconhecemos um Deus, e um Filho que é seu Logos, e um Espírito Santo, unidos em essência: o Pai, o Filho, o Espírito, porque o Filho é a Inteligência, Razão e Sabedoria do Pai e o Espírito é uma emanção, como a luz é foto” (OLSON, 2001, p. 65).

No século III esse arcabouço é estabelecido quase que plenamente por um importante personagem: Tertuliano de Cartago. Tertuliano (c. 160-225) nasceu em Cartago e foi o principal apologista da Igreja Ocidental. Advogado de profissão, conhecedor do grego e latim, trabalhou em Roma onde converteu ao cristianismo. Utilizou o seu conhecimento jurídico para defender a fé e se dedicou a desenvolver uma sólida teologia ocidental e à luta contra o exagero das influências filosóficas ao cristianismo (CAIRNS, 2008, p. 93).

Dentre vários tratados, Tertuliano escreveu a *Contra Práxeas* em resposta ao escrito herege do teólogo cristão Práxeas. Práxeas foi, talvez, o primeiro teólogo a sistematizar a doutrina da Trindade, conquanto negou a crença nas três identidades da divindade. Tertuliano ao perceber respondeu vigorosamente através de sua apologética (OLSON, 2001, p. 95-96).

Nesse diapasão, Tertuliano elaborou uma declaração claramente trinitária:

Todos [os três: o Pai, o Filho e o Espírito Santo] provém de Um, pela unidade (precedente) da substância; mas o mistério da dispensação ainda deve ser guardado, que distribui a Unidade em uma Trindade, colocando na devida ordem as três Pessoas: o Pai, o Filho, e o Espírito Santo; três, porém, não em condição, mas em grau; não na substância, mas na forma; não no poder, mas no aspecto e, não obstante, de uma só substância, uma só condição e um só poder (TERTULIANO *apud* OLSON, 2001, p. 98).

Tertuliano é considerado por grande parte dos teólogos o pai da doutrina da Trindade. Macgrath (2005, p 375-376) observa que Tertuliano foi o responsável pelo desenvolvimento da terminologia característica da Trindade. *Trinitas* (trindade), *persona* (pessoa) e *substantia*

(substância) são três termos latinos criados por Tertuliano que, até hoje, singularizam a doutrina da Trindade.

Tertuliano resolveu a questão da trindade séculos antes dos concílios ecumênicos do quarto século. Se os líderes e eruditos eclesiásticos tivessem dado mais atenção a este pai tão singular, muitas das controvérsias teológicas posteriores teriam sido evitadas.

1.2 Século IV - A declaração de fé universal e ortodoxa.

Como visto, os primeiros séculos da igreja foram marcados por diversos conflitos doutrinários e inúmeras controvérsias. A igreja sobreviveu a todas intempéries, mas no século IV precisou enfrentar um grande impacto à sua ortodoxia, talvez o maior até aquele momento, conhecido como a controvérsia ariana.

Ário (c. 250-336) era um presbítero, erudito e pregador bem popular, que negava a distinção entre as pessoas da Divindade. O desejo de Ário era evitar qualquer concepção que pudesse levar a um entendimento politeísta de Deus. Em suas formulações, concebeu "[...] uma doutrina que recusava a verdadeira divindade de Cristo", alegando que Cristo "[...] não existiu desde a eternidade, mas que começou a existir por um ato criativo de Deus antes do tempo". Para Ário, Cristo era divino mas não era Deus (CAIRNS, 2008, p. 112-114)".

Evidentemente tal doutrina negava a ortodoxia trinitária de Deus. O arianismo difundiu rapidamente entre os cristãos e se tornou uma grande ameaça, impactando até mesmo a unidade do Império Romano. Por causa disso o próprio imperador Constantino convocou e custeou o primeiro concílio ecumênico da igreja em Nicéia (CAIRNS, 2008, p. 112).

Presidido em 325 d.C. pelo próprio imperador a controvérsia ariana entrou em debate oficial. Ali, o arianismo foi condenado e confirmada a crença na trindade de Deus. O Credo Niceno, ratificado e redefinido em Constantinopla (381 d.C.), estabeleceu os termos da ortodoxia trinitária e separou a heresia da ortodoxia, o herege do ortodoxo. A partir daí quem não estivesse de acordo era anatematizado. "É o credo universal da cristandade (OLSON, 2001, p. 204)".

Sendo fiel aos anais da história é imperioso destacar que desde o início da igreja a concepção de um Deus trino já era majoritária e tida como revelação divina, bíblica e verdadeira. Portanto, o concílio serviu para fundamentar e legitimar o que já era crido.

1.3 A importância da trindade para igreja

As discussões trinitárias foram essenciais para o desenvolvimento doutrinário e na formulação do credo ecumênico niceno-constantinopolitano. Logo, a trindade constituiu um fator basilar, o grande prumo ortodoxo da igreja.

Olson (2001, p. 18-19) em sua obra História da Teologia Cristã explana uma classificação doutrinária que merece atenção, sendo: *adiáfora* ou questões de indiferença, doutrinas e dogmas. Questões de indiferenças são doutrinas consideradas não muito importantes como, por exemplo, a natureza exata dos anjos. Doutrinas são verdades importantes não essenciais para a fé, como a questão do pedobatismo. Agora há duas verdades que são colocadas acima de todas as discussões e que merecem ser defendidas "[...] séria e até mesmo calorosamente [...]", isto é, os dogmas. Dogma é a forma que Olson classifica a Trindade e a doutrina da encarnação, pois é inegociável para o cristianismo.

Sawyer (2009, p. 178-187) em Uma Introdução à Teologia trilha o mesmo caminho colocando a Trindade no primeiro nível doutrinário, pois é a doutrina que está "[...] no coração de qualquer classificação teológica". O fato de que "Deus existe como Trindade permanece no próprio cerne da fé da Igreja [...]" e a "[...] negação essencial de qualquer doutrina desse cerne colocará a pessoa do lado de fora da fé, da perspectiva de sua proclamação essencial, e constituirá heresia".

Crer verdadeiramente no Deus da Bíblia é crer na Trindade, um dogma imprescindível e indispensável para a fé. É na Trindade que o homem pode contemplar os aspectos ontológicos do seu criador e se relacionar com Ele e com o seu próximo de forma significativa.

2 DEFINIÇÃO, FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA E PERIGOS À ORTODOXIA

Embora o estudo histórico da doutrina traz luz à compreensão, definir a doutrina da Trindade não é uma tarefa fácil. Na verdade muitos mergulham nos escrutínios literários e tentam racionalizar um conceito. Grande erro. Berkhof (1990, p. 81) alerta que "[...] a Trindade é um ministério que transcende a compreensão do homem".

Indubitavelmente a doutrina da Trindade depende decisivamente da revelação. A razão humana pode até laborar ideias para substanciar a doutrina, todavia é de vital importância reunir e analisar todas as provas escriturísticas.

Grudem (2001, p. 165) ao tratar do tema, como característica marcante de sua sistemática, realiza uma exaustiva fundamentação bíblica acerca da Trindade e a define do seguinte modo: “Deus existe eternamente como três pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo – e cada pessoa é plenamente Deus, e existe só um Deus”.

Essa definição é um bom resumo de toda a verdade revelada nas escrituras, Deus existe em três pessoas, seus atributos vivificam-se plenamente em cada pessoa, todavia existe só um Deus! Embora não há como explicar essa verdade em toda sua dimensão, qualquer explanação que fuja substancialmente disso não corrobora com a Verdade Revelada, sendo, portanto, anátema aos olhos da ortodoxia.

2.1 Fundamentação bíblica.

Não obstante a palavra Trindade não ser encontrada na Bíblia, a ideia é apresentada em todas as Escrituras. Sendo assim, não pode ser desprezada, mas também não se pode negar a dificuldade em explicá-la, conquanto, um olhar bíblico minucioso ilumina o entendimento.

O texto veterotestamentário não contém uma completa representação da existência trinitária de Deus, até porque a revelação tem um caráter progressivo, mas possui várias indicações dela.

Berkhof (1990, p. 77) explica que, por vezes, têm-se visto provas da “[...] Trindade na distinção entre Jeová e Elohim, e também no Plural Elohim [...]”. Para ele, tal posicionamento não tem fundamento. A despeito dessa observação, deixa claro que em vários locais há notável antecipação bíblica acerca do assunto que seria mais tarde, no Novo Testamento, revelada.

Indicações mais claras dessas distinções pessoais acham-se nas passagens que se referem ao Anjo de Jeová que, por um lado, é identificado com Jeová e, por outro, distingue-se dele. [...] E também nas passagens em que a Palavra e a Sabedoria de Deus são personificadas, Sl 33.4, 6; Pv 8.12-31. Em alguns casos mencionam-se mais de uma pessoa, Sl 33.6; 45.6, 7 (com. Hb 1.8,9), e noutros quem fala é Deus, que menciona o Messias e o Espírito, ou quem fala é o Messias, que menciona Deus e o Espírito, Is 48.16; 61.1; 63. 9,10 (BERKHOF, 1990, p. 77).

Há uma estrutura trinitária no Antigo Testamento. MacGrath (2005, p. 374) observa três principais “personificações de Deus [...]” que podem ser notadas no cânon veterotestamentário. Essas “[...] conduzem naturalmente à doutrina cristã da Trindade”. São elas: a Sabedoria, a Palavra de Deus e o Espírito Santo de Deus.

A revelação é dada nas Escrituras inicialmente através de uma percepção, de uma ideia ou noção que, embora não correspondam à doutrina da Trindade em seu sentido estrito, aponta para um modelo trinitário de presença e atividade divina na criação. Assim, o Antigo Testamento testemunha um Deus que requer uma compreensão trinitária.

O Novo Testamento desenvolve e clarifica a questão. Em suma, Deus Filho é apresentado como Redentor (Mt 1.21; Lc 1.76-79; 2.17; Jo 4.42; At 5.3; Gl 3.13; 4.5; Fl 3.30; Tt 2.13-14), Deus Espírito Santo é o Consolador (At 2.4; Rm 8.9,11; 1 Co 3.16; Gl 4.6; Ef 2.22; Tg 4.5) e Deus Pai é aquele que enviou o Filho (Jo 3.16; Gl 4.4; Hb 1.6; 1 Jo 4.9) (BERKHOF, 1990, p. 77).

No batismo de Jesus Cristo vemos a atuação das três pessoas: Deus Filho é batizado; Deus Pai proclama do céu o seu amor ao Filho; e Deus Espírito Santo desce na forma de pomba (Mt 3.13-17). Na grande comissão Jesus Cristo ordena o batismo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19). Na oração sacerdotal descrita no evangelho de João, capítulo 17, Cristo declara sua unidade com o Pai. Nos textos de 1 Coríntios 12.4-6, 2 Coríntios 13.14, e 1 Pedro 1.2 as três pessoas da divindade são citadas juntas (BERKHOF, 1990, p. 77).

Erickson (2015, p. 325) mostra indicações sutis da Trindade até mesmo na forma de organização de alguns livros do Novo Testamento. O princípio trinitário se encontrada nos livros de Romanos, Gálatas, 1 Coríntios e no quarto evangelho. Romanos, por exemplo, é dividido em “[...] o juízo de Deus sobre todos (1.18 – 3.20); A justificação pela fé em Cristo (3.21 – 8.1); A vida no Espírito (8.2-30)”. Ao explanar essa forma organizacional afirma: “É evidente que a Trindade era uma parte muito significativa no conceito que Paulo tinha do evangelho e da vida cristã”.

Como se vê, são vastas as referências no Novo à doutrina da Trindade e há tantas sugestões acerca da divindade e unidade das três pessoas que, à luz das Escrituras, a fé no Ser trinitário de Deus não é passível de questionamento e qualquer tentativa de negação não deve prosperar.

2.2 Perigos à ortodoxia: modalismo e triteísmo.

Reconhecendo a dificuldade em conceituar a Trindade, muitos caem no erro de simplificar a matéria. Teólogos e até mesmo aqueles que militam à margem da erudição, sem saber, podem tropeçar em dois perigos: no modalismo ou triteísmo. Heresias que são formas simplórias de explicar a triunidade de Deus.

2.2.1 Modalismo

O termo foi introduzido pelo historiador alemão Adof Von Harnack para descrever o elemento comum a um grupo de heresias. Os modalistas ao analisar a Trindade tinham tanto

receio de cair no triteísmo que mergulharam no extremo da unidade divina (MACGRATH, 2005, p. 382).

A ideia desse pensamento restringe a uma única pessoa de Deus que, ocasionalmente, se manifesta como Pai, Filho ou Espírito Santo. Os termos não são distinções reais, mas apenas nomes apropriados para um momento específico (ERICKSON, 2015, p. 328).

Em palavras simples significa dizer que Deus age e agiu na história de diferentes maneiras, hora como Pai, hora como Filho, hora como Espírito Santo. Para exemplificar, seria como um ator que em uma mesma peça apresenta como diversos personagens, trocando apenas a roupagem, todavia o ator é o mesmo.

Macgrath (2005, p. 328) sintetiza da seguinte forma:

1. O Deus único é revelado como o criador do mundo e da lei. De acordo com esse modo, Deus é conhecido como 'o Pai'.
2. O mesmo Deus é, a seguir, revelado como salvador, na pessoa de Jesus Cristo. De acordo com esse modo, Deus é conhecido como 'o Filho'.
3. O mesmo Deus é, posteriormente, revelado como aquele que santifica e dá a vida eterna. De acordo com esse modo, Deus é conhecido como 'o Espírito Santo'.

Portanto, afirmam que existe só uma única pessoa, que se revela de diferentes formas. Pregam que Deus não é de fato três pessoas distintas, mas uma única pessoa que se revela de modos diversos em momentos diferentes (GRUDEM, 2001, p. 177).

O grande problema dos modalistas é não admitir distinção alguma na Trindade, salvo uma simples aparência. “Assim, deve necessariamente negar três pessoas distintas no batismo de Jesus [...]. E deve obrigatoriamente dizer que todos os casos em que Jesus ora ao Pai são ilusão ou embuste”. Além disso, o modalismo dissolve o “[...] âmago da doutrina da expiação – ou seja, a ideia de que Deus enviou seu Filho como sacrifício vicário, de que o Filho carregou a ira de Deus em nosso lugar e de que o Pai [...] viu o sofrimento de Cristo e ficou satisfeito (GRUDEM, 2001, p. 178)”.

2.2.2 Triteísmo.

O triteísmo desloca-se para o outro extremo. A Trindade passa a ser entendida como três seres divinos iguais, independentes e autônomos. Mcgrath (2015, p. 383), exemplifica: “Podemos imaginar três seres humanos. Cada um deles é distinto; entretanto, eles compartilham da mesma humanidade. O mesmo ocorre com a Trindade: existem três pessoas distintas, entretanto, com uma natureza divina em comum.”

Conforme Erickson (2015, p. 329) essa foi, por exemplo, a conceituação proposta pelos capadóci⁴ ao expor os conceitos de substância comum e de várias pessoas distintas por meio da analogia de um universal e seus particulares. “[...] as pessoas individuais da Trindade estão relacionadas à substância divina da mesma maneira que seres humanos individuais estão relacionados ao ser humano universal (humanidade)”.

Ao pensar assim, o cristianismo parece confessar a existência de vários deuses. A autonomia das três pessoas jamais pode ser encimada a tal ponto de cometer o erro herético de aceitar uma concepção que beira o paganismo politeísta.

Grudem (2001, p. 183) é enfático ao definir o triteísmo e pontuar que tal pensamento possibilita a existência de três deuses:

Uma última forma possível de tentar uma harmonização fácil do ensino bíblico sobre a Trindade seria negar que só existe um único Deus. O resultado é dizer que Deus são três pessoas, e cada pessoa, plenamente Deus. Portanto, existem três Deuses. Tecnicamente, essa concepção se denomina 'triteísmo'.

Esse é um grande perigo: negar a unicidade Deus. As Escrituras Sagradas são categóricas em afirmar que há um só Deus e um só Senhor, logo, qualquer afirmação que acutile essa verdade precisa ser rejeitada.

2.3 Consideração preliminares

Três apontamentos são importantes para resumir o posicionamento que todo crente sincero deve adotar em defesa da fé ortodoxa trinitária. Primeiro: a triunidade de Deus é bíblica e, embora não possa ser entendida ou explicada plenamente, a fundamentação escriturística é inegável.

Segundo: qualquer tentativa de racionalizar a doutrina, deixando de lado a revelação, leva a deslizes teológicos e muitas vezes heréticos como o modalismo e o triteísmo.

Terceiro: a grande resposta que resta ao crente diante de uma verdade bíblica é crer. Crer na doutrina ortodoxa da Trindade é crer no Deus que vivifica plenamente em Pai, Filho e Espírito Santo. Três pessoas, uma substância.

Deus é imanente e, por isso, decidiu relacionar e se auto manifestar (revelar) para a humanidade. Conquanto, Ele também é transcendente e qualquer tentativa humana de

⁴ O temo é utilizado para designar os pais da igreja oriundos da região da Capadócia na Ásia Menor central (Turquia). Os grandes pais capadóci⁴ são: Basílio de Cesareia, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa (todos do século IV) (OLSON, 2001, p. 180).

compreender na totalidade o Ser de Deus será insuficiente. Jamais o homem, mesmo na eternidade, conhecerá todos os mistérios de Deus.

Por fim, talvez a melhor definição de como a cristandade deve posicionar diante da doutrina trinitária de Deus é a citação, aparentemente de autoria desconhecida, do teólogo, PhD e pastor estadunidense Millard J. Erickson sobre a Trindade: “Tente explica-la, e perderá a cabeça; Mas tente negá-la, e perderá a alma⁵ (ERICSON, 2015, p. 337)”.

3 DA ORTODOXIA PARA A ORTOPRAXIA

Defender e viver em conformidade com a ortodoxia é de vital importância para o crente. Foi por isso que os cristãos ao longo da história sofreram martírios e perseguições dos mais diversos tipos. Entretanto, depois da breve explanação dos dois primeiros capítulos acerca da Doutrina da Trindade e entendendo sua importância para fé, uma pergunta precisa saltar aos olhos de todo crente. Como a ortodoxia trinitária pode nortear a ortopraxia?

A afirmação do apóstolo Tiago (2.26) de que a fé sem obras é morta precisa ressoar constantemente no seio da igreja e, assim como a doutrina da Trindade foi e é um fator basilar para a ortodoxia, imperioso ser para a prática ministerial e para os relacionamentos. A fé correta leva à prática correta e é na relação trinitária de Deus que a cristandade obtém o exemplo máximo.

Olhar para o Pai, para o Filho e para o Espírito Santo em sua relação trinitária revela princípios capazes de sustentar a vida de qualquer crente, ministro e pastor comprometido com as Escrituras. É na Trindade que a fé ganha forma, gera obras e produz frutos que permaneçam.

3.1 Creio em um só Deus, Pai todo poderoso

Na relação trinitária o nome Pai “[...] é aplicado à primeira pessoa da Trindade em Sua relação com a segunda pessoa [...]”. A primeira pessoa é o Pai “[...] da segunda num sentido metafísico. Esta é a paternidade originária de Deus, da qual toda paternidade terrena é apenas pálido reflexo (BERKHOF, 1990, p. 82-83)”.

Pai é aquele que ama, cuida, sustenta e provê todas as coisas. Um amor incondicional, ama simplesmente porque o objeto do seu amor existe. Não há exigências, é simplesmente amor. É assim que a primeira pessoa da Trindade se revela para a humanidade, como Pai.

⁵ Olson (2001, p. 271) atribui a frase, supostamente, a Agostinho de Hipona.

Foi o Pai na economia trinitária que planejou a obra da criação, providência e redenção. Um amor tão supremo que não se limitou à esfera do sentimento, mas agiu em todos os momentos. O evangelho do apóstolo João (3.16) mostra que Deus amou enviando o seu Filho, isso fala de prática, ação em prol do amado. Sobre essa expressão joanina Champlin (2002, v. 2, p. 312, grifo nosso) comenta:

Essa frase descreve a *profundeza do amor* de Deus. Sua maior expressão, o seu Filho bem-amado, o Logos eterno, o seu companheiro eterno, foi justamente a quem Deus deu, em favor de uma miserável raça de homens. [...] **É necessário que o amor se difunda profunda e amplamente a fim de poder provocar essa forma de ação.** Temos aqui ilustrado o dom supremo e a expressão suprema do amor.

Deus Pai amou a humanidade apesar dela e dos seus deméritos. A causa do amor de Deus pelo homem não está no homem, está Nele. Ele ama porque Ele é amor (1 Jo 4.8), Ele é Pai. Não é um amor causado pelo que alguém faz, mas sim pelo que Ele é. Nunca houvera um tempo que o Pai não tenha amado, o amor dele é eterno (Jr 31.3).

É uma grande lição olhar para o Pai. Se de fato o cristão ama o seu Deus, o seu amor personifica em atos proveitosos à edificação do Reino de Deus. Na epístola aos romanos (5.8) o apóstolo afirma que Deus prova o seu amor ao dar o seu Filho para morrer. A reflexão que vem à tona é: o que o amor cristão tem dado em favor do próximo?

A cristandade recebeu a redenção pela graça de Deus, totalmente gratuita e sem méritos humanos, mas qual tem sido a gratidão oferecida a Deus? Qual a resposta humana a esse amor? O amor gera ação em gratidão àquilo que Ele fez (Mt 10.8b).

Se Ele, o único Deus, Eterno e Soberano, não poupou o seu próprio Filho será que a igreja pode poupar alguma coisa? Não, pois o amor é agir, ofertar e entregar toda a volição a Ele e em prol do Reino. Por isso, a igreja é chamada a ser santa e irrepreensível (Ef 1.4) e para a prática de boas obras (Ef 2.10).

3.2 Creio em um só Senhor

O Filho é a segunda pessoa da Trindade eternamente gerado do Pai e participante na espiração do Espírito Santo. Gerado, e não criado, deste tempos eternos e da mesma substância do Pai.

Pode-se dar a seguinte definição da geração do Filho: É o ato eterno e necessário da primeira pessoa da Trindade, pelo qual Ele, dentro do Ser

Divino, é a base de uma segunda subsistência pessoal, semelhante à Sua própria, e dá a esta segunda pessoa posse da essência divina completa, sem nenhuma divisão, alienação ou mudança (BERKHOF, 1990, p. 85).

Plenamente Deus e plenamente homem. Todas as coisas provêm do Pai, conquanto mediadas pelo Filho. O evangelho joanino (1.3) registra que tudo foi feito por intermédio do Filho e sem Ele nada do que existe teria sido feito. Além disso, o plano salvífico foi executado no seu corpo, cravado na Cruz do Calvário, onde toda a escrita de dívida que havia contra o homem foi paga pelo Redentor (Cl 2.14).

A obra de Cristo traz um ensino grandioso, pois embora sendo Deus não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo e tomou a forma de servo (Fp 2.6-7). Quão grande é o mistério da encarnação, onde o Deus Filho, consubstancial ao Pai, deixa a Glória e vem habitar no meio de homens corruptos e ímpios. Não obstante a isso, foi obediente em todas as coisas, até mesmo a morte, e morte de cruz (Fp 2.8).

Obediência essa que é graciosa diante do Pai, como disse o profeta Samuel, obedecer é melhor do que sacrificar (1 Sm 15.22). A cristandade precisa aprender esse grande princípio que foi revelado plenamente na relação entre o Filho e o Pai, isto é, ser obediente em todas as circunstâncias.

O crente necessita ser obediente às Sagradas Escrituras porque é Nela que o Senhor se revela, obediente às autoridades constituídas, à comunidade que congrega como corpo visível do Senhor, aos seus líderes eclesiais, patrões e à sua família. Questões simples que estão sendo negligenciadas e entristecendo a Santíssima Trindade.

O apóstolo Paulo apela para que o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus possa haver em nossos corações (Fp 2.5). Tal texto clama à uma meditação essencial: se o próprio Deus Filho, Eterno e Glorioso, foi obediente até a morte quanto o crente precisa ser obediente?

O Servo de Deus (Is 42.1). A segunda pessoa da Trindade em sua obediência irrestrita serviu plenamente a Deus Pai, executando toda a sua vontade. Como o próprio Senhor disse, não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate (Mc 10.45). Embora o Senhor “[...] fosse rico, ele se tornou pobre. Embora fosse rei, serviu. Embora fosse o mais importante, fez-se servo de todos. Jesus triunfou sobre o pecado não pelo poder, mas pelo serviço sacrificial. Ele venceu ao perder tudo (KELLER, 2014, p. 57)”.

Cristo, como modelo, no evangelho segundo João (13.1-17) lavou os pés dos seus discípulos e, inclusive, de Judas o traidor. Após o ato deixou o ensino, o exemplo de que da mesma forma que Ele serviu deveriam lavar os pés uns dos outros.

A atitude de lavar os pés era natural àquela época como rito de hospitalidade no Oriente. As estradas empoeiradas deixavam os pés sujos e, quando alguém recebia um viajante, o anfitrião oferecia a limpeza dos pés. Tal atitude era designada pelo senhor da casa a um dos seus escravos e foi justamente isso que Deus Filho fez, assumiu a função de um escravo a fim de servir e ser exemplo para os discípulos (CHAMPLIN, 2002, v. 2, p. 501).

Não há modelo maior de servitude do que na própria Trindade, Deus Filho, serviu para que seus discípulos sirvam uns aos outros.

Prince (1980, p. 8) diz que sempre brilhou no "caráter de Jesus esse interesse profundo pelo bem-estar de todos. Jesus se interessava mais por pessoas do que por credos, cerimônias, organizações ou equipamentos". E complementa:

Ele sempre amou a todos e se interessava vivamente por seus problemas. Ele encarnou e revelou todo o amor de Deus, e se compadeceu dos homens por todos os seus males e padecimentos. O Mestre não só se interessou pelos problemas humanos, mas sempre buscou fazer alguma coisa para solucioná-los. Revelou sempre genuíno espírito missionário, e afirmava repetidamente que viera para servir, e não para ser servido (Mat. 20.29). [...] Seu coração se derretia de simpatia por um mundo necessitado, e suas mãos secundavam e espalhavam essa simpatia por meio de serviço e ajuda (PRINCE, 1980, p. 9).

Servir fala de amar, de se interessar completamente pelas pessoas, da prática do segundo grande mandamento deixado por Cristo. É compadecer e ajudar, socorrer o aflito, alimentar o faminto, cobrir no frio, chorar com os que choram e alegrar com os alegres, não passar a passos largos diante do caído, mas oferecer a mão e o carinho. É o evangelho que transforma, em sua integralidade.

Exemplo de humildade. Um dos grandes mistérios da encarnação é a humilhação do Deus Filho que, em sua obediência ao primeiro artigo humilhou-se a si mesmo, esvaziou e tomou a forma dos homens em favor da humanidade (Fp 2.8). Somente pela humilhação da encarnação o plano salvífico de Deus Pai poderia ser executado.

As Escrituras dizem que Deus resiste aos soberbos, mas a graça é dada as humildes (Tg 4.6), deixando claro que somente os humildes de espírito herdarão o Reino de Deus (Mt 5.3). A humildade é mais um exemplo que se vivifica plenamente na Trindade e, somente diante de um coração humilde que a graça de Deus é derramada.

Nesse ponto a cristandade precisa olhar veemente para a Trindade e perguntar: como estão os ministérios? Pastores? Evangelistas? Mestres? Há humildade no meio da igreja visível? O Deus trino em sua humildade não aceita a soberba e a ruína está às portas daqueles que edificam palanques e não altares, templos e não igreja, coisas e não pessoas. O Deus Filho,

Eterno e Soberano, deixou o exemplo em sua humilhação, quanto mais a humanidade necessita da humildade diante do Eterno.

Deus Filho é a centralidade da fé. Após a humilhação o Pai em sua relação eterna com o Filho o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de tudo e de todos, para que diante de Jesus se dobre todo joelho (Fp 2. 9-11). A centralidade do evangelho está na segunda pessoa da Trindade, no qual todos os povos, línguas e nações se renderão.

Ressalta-se que Jesus não foi simplesmente um homem exemplar a ser seguido, Ele é Cristo o Filho do Deus vivo. O Rei dos reis e Senhor dos Senhores, a segunda pessoa da Trindade, o Autor e Consumador da fé (Hb 12.2). Dito isso, é imperioso destacar que toda comunidade que se diz cristã precisa olhar firmemente para Ele. Igreja só é igreja onde Cristo é Senhor, cristão é cristão se Cristo reinar vivamente em seu coração e evangelho é evangelho se o seu Nome estiver sendo anunciado acima de todo nome e proclamado a todos os povos.

3.3 Creio no Espírito Santo

Muitas pessoas entendem o Espírito Santo apenas como uma força, uma energia ou influência misteriosa. Conceber o Espírito Santo fora da Trindade remota aos primeiros séculos da igreja onde alguns hereges, denominados pneumatômacos, viam o Espírito apenas como "uma força criada, ou poder do Deus Pai, enviado ao mundo por meio do Filho" (OLSON, 2001, p. 183).

Entender o Deus trino rompe completamente com essa concepção, pois o Espírito Santo é uma pessoa, dotado de intelecto (1 Co 2.10-13), sensibilidade (Is 63.10) e volição (1 Co 12.11), como os primeiro e segundo artigos da divindade, ontologicamente iguais.

O cristão deve relacionar com o Espírito Santo, buscar Dele direção e apoio para a sua vida. Vale ressaltar que Ele é o responsável em convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8). Portanto, sem o Espírito Santo é impossível para o homem alcançar a salvação.

Sendo assim, um dos grandes cuidados que o homem dever ter é em não negar o Espírito Santo, pois, como diz o próprio Senhor Jesus, pecar contra o Espírito é um pecado imperdoável e isso, indubitavelmente, a humanidade precisa preocupar. Por outro lado, é somente através do Santo Espírito Consolador, que o homem pode galgar o arrependimento. Esses dois pontos é primordial para a vida de todo crente.

3.3.1 A negação deliberada do Espírito Santo

Este é o pecado mais grave que um homem pode cometer, mas o que significa esse pecado? Para responder deve-se olhar atentamente para o texto do evangelista Mateus capítulo doze, versos 22 a 32.

No texto em questão o Senhor havia expulsado demônio de um homem surdo e mudo o que causou grande admiração por parte da multidão. Os fariseus, enciumados com a autoridade de Jesus, afirmaram que Ele operava pelo poder do maioral dos demônios. Aqueles homens, doutos da Lei, atribuíram a Satanás aquilo que Jesus realizava pelo poder do Espírito.

Imediatamente o Senhor os alertou que estavam blasfemando contra o Espírito Santo, um pecado imperdoável, ou seja, quem comete tal pecado nunca obterá perdão. Ferreira (2007, p. 215) explica que os fariseus cometeram este pecado "[...] ao dizerem que a obra de Jesus, feita pelo poder do Espírito, foi de fato, a obra do diabo". Assim, a essência deste pecado é "[...] a rejeição da revelação de Deus na história através de Jesus e atribuição dos atos do Espírito nessa revelação ao diabo. É um pecado que representa o afastamento total da pessoa de Deus".

Em simples palavras, blasfêmia contra o Espírito Santo é atribuir a Satanás aquilo que é obra do Espírito Santo. É uma resistência consciente, voluntária e vívida contra o agir de Deus. Jesus curava enfermos, expulsava demônios, operava milagres, pregava as Escrituras com autoridade e mesmo assim os fariseus estavam resistindo-o. O problema não era simplesmente resistir, fato que inegavelmente já é pecado, mas em resistir e atribuir toda a obra de Cristo a Satanás. Um pecado imperdoável. Berkhof (1990, p. 246) acrescenta: "O pecado consiste na rejeição e calúnia consciente, maldosa e voluntária, e isso contra as evidências e respectiva convicção do testemunho do Espírito Santo a respeito da graça de Deus em Cristo, atribuindo-o, por ódio ou inimizade, ao príncipe das trevas."

Jesus, intensamente, com o poder do Espírito Santo convencia as pessoas do pecado e anunciava o Reino de Deus. Com sinais e maravilhas, com autoridade e conhecimento da Palavra, Jesus proclamava o Reino. Muitos aceitaram, outros rejeitaram, conquanto, alguns foram além, renegando tudo que o Senhor realizava como obra de Satanás. Era um ódio deliberado e consciente contra Deus.

O blasfemo mesmo com plena consciência da obra do Espírito Santo e contemplando as maravilhas de Deus (como os fariseus), atribui voluntariamente e intencionalmente a obra de Deus a Satanás. É uma renúncia consciente a Deus.

Assim, fica o alerta de quanto é perigoso negar deliberadamente a Terceira pessoa da Trindade e não concebê-lo como Deus.

3.3.2 O provedor da missão

Deus Filho veio ao mundo e quando sua missão estava cumprida enviou o Deus Espírito Santo para ser o grande empreendedor da obra missionária. Tudo que a igreja precisa para divulgar o Evangelho foi e é providenciado pelo poder do Espírito. Ele é o guia norteador que capacita a igreja para testemunhar, ganhar almas e cuidar do rebanho de Cristo.

Providência para a pregação. O apóstolo Paulo em sua primeira carta à igreja de Corinto (2.4-5) deixa claro que sua pregação era direcionada pelo Espírito Santo. Toda e qualquer pregação só produzirá vida e alcançará os perdidos se estiver cheia do Espírito Santo.

O ato de pregar e anunciar as boas novas não pode ser renegado ao intelecto e à persuasão. Há dois extremos, sendo: uns se apegam à ortodoxia e apenas repetem os conceitos doutrinários fielmente; outros, não conhecem os fundamentos doutrinários e se lançam à exacerbação espiritualista. Esses dois caminhos não produzem vida.

Paulo ensina a via mediadora da proclamação do evangelho com conhecimento e poder de Deus. A pregação que agrada e glorifica a Deus é a ortodoxia mergulhada no Espírito Santo, onde a Palavra se torna viva e eficaz.

Providência para o trabalho. O livro de Atos registra a prerrogativa do Espírito Santo em comissionar homens para cargos e ofícios específicos. O Espírito proveu liderança administrativa para a igreja, operou milagres e orientação aos discípulos. Foi através Dele que homens foram chamados ao ministérios (At 13.1-3). O Espírito Santo também cooperou na solução de conflitos e na orientação da obra missionária (At 6. 1-6).

O cristão moderno tem diante de si o mesmo Espírito no qual pode contar pessoalmente e eficazmente para o exercício ministerial. Não é simplesmente uma força especial e mística como criam os pneumatômacos, mas é Deus pessoal que se importa com o homem e habita no crente (1 Co 6.19).

Entender que o Espírito Santo é Deus e, portanto, uma pessoa, é capaz de fazer toda diferença na vida cristã. O crente tem a sua disposição o Santo Espírito de Deus que trabalha incansavelmente a favor da Igreja, ajudando nas fraquezas, intercedendo pelos santos com gemidos inexprimíveis.

Pastor, líder, presbítero, diácono, discípulo, crente, não está sozinho e nem tão pouco abandonado na estrada da fé cristã. As Escrituras prometem que o Consolador estará conosco para sempre (Jo 14.16-17).

O Espírito Santo é o baluarte da salvação (Ef 1.14). Quantos crentes vivem uma vida dúbia, ora acreditam na sua salvação, ora não. Relacionar com a pessoa do Espírito traz

convicção plena da salvação, uma segurança maravilhosa que todos os crentes devem usufruir. Nele há consolo, confiança, direção e paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todos os autores analisados, da história e, principalmente, à luz das Escrituras Sagradas, não é possível haver questionamento quanto ao caráter uno e trino de Deus, e que crer verdadeiramente no Deus da Bíblia é crer na Santíssima Trindade.

O relacionamento trinitário é perfeito, harmoniosamente completo e expressa toda plenitude ontológica de Deus. Deus nunca esteve só, é pleno em si mesmo e se vivifica nas três pessoas, conquanto numa só divindade.

O relacionamento trinitário é referência para os relacionamentos humanos, conjugal, familiar e congregacional. Um pequeno exemplo: muitas vezes as reuniões de casais realizadas nas igrejas e em congressos são pautadas por temas seculares de como melhorar aspectos de envolvimento sentimental e etc., mas, é na Trindade onde se obtém o exemplo pleno da unicidade, da igualdade e do respeito. Uma só carne do casal, como diz as Escrituras, é uma forma humana e graciosa de representar a unidade trinitária.

Além disso, na Trindade a humanidade é convidada ao relacionamento pessoal, imutável e verdadeiro com as três pessoas. No Pai há plenitude de amor, no Filho a humanidade pode contemplar o Servo de Deus, a obediência e humildade. No Espírito temos o consolo, a guarda salvífica, a providência e direção. Verdades insondáveis para o cristão.

É extremamente necessário ao cristão conhecer Deus em sua triunidade e desfrutar da companhia graciosa do Pai, do Filho e do Espírito Santo de Deus.

REFERÊNCIAS

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Trad. Odayr Olivetti. Campinas: Luz para o Caminho Publicações, 1990.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CHAMPLIN, Russell N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002. VI. II.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *Introdução à Metodologia das Ciências Teológicas*. Goiânia: 2ª ed. Editora Cruz, 2015.

ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FERREIRA, Franklin. MYATT Alan. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática atual e exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

KELLER, Timothy. *Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MACGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

OLSON, Roger E. *História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

PRINCE, J M. *A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência*. 3ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

SAWYER, M. James. *Uma introdução à teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico*. Trad. Estevan F. Kirschner. São Paulo: Editora Vida, 2009.